

SILVA, Silvana. Uma descrição linguística que sirva para nos comprometer: ensaio de uma leitura antropológica da linguística da enunciação. *ReVEL*, edição especial n. 11, 2016. [www.revel.inf.br].

## UMA DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA QUE SIRVA PARA NOS COMPROMETER: ENSAIO DE UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA DA LINGUÍSTICA DA ENUNCIAÇÃO

*Para Marlene Teixeira, um artigo-homenagem,  
seus grandes olhos azuis sempre me falaram mais do que sei dizer*

**Silvana Silva<sup>1</sup>**

ssilvana2011@gmail.com

**RESUMO:** Este ensaio tece reflexões sobre a escrita da linguística e apresenta algumas características para a escrita da linguística de Enunciação de Émile Benveniste. Parte-se da proposta de Dufour (2000), para quem a linguística de enunciação assenta-se sobre uma lógica de ordem trinitária. Analisa-se o verbo *explicar* e suas conseqüências para a Linguística e do verbo *implicar* para Linguística de Enunciação. Observa-se a presença de formas da lógica trinitária e o estilo de escrita do texto ‘Da subjetividade da linguagem’ de Benveniste.

**Palavras-chave:** linguística de Enunciação, estilo de escrita de Émile Benveniste; formas simples do dizer.

### 1 INTRODUÇÃO

Este ensaio surge de meu re-encontro com a Teoria de Enunciação de Émile Benveniste e de meu desejo de encontrar a *Linguística de Enunciação* (e não Linguística da Enunciação)<sup>2</sup>. É um ensaio sobre a história e o percurso de uma linguísta<sup>3</sup>. O entusiasmo por

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos da Linguagem, na Linha de Pesquisa de Análises Enunciativas, sob orientação do Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores. Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

<sup>2</sup> Tomamos o sintagma *Linguística da Enunciação* na compreensão que é sistematizada sobretudo em *Enunciação e Gramática*, de Flores et. al. (2008), obra na qual, por exemplo, separa-se didaticamente o “quadro da enunciação”, do “quadro da língua” e da “língua em funcionamento”. Além da argumentação exposta no presente ensaio, encontramos reflexão paralela e parecida em Badir et. al. (2014), no artigo “Benveniste serait-il aujourd’hui un linguiste de l’énonciation?”

<sup>3</sup> Este re-encontro iniciou-se em 2009 no Grupo de Estudos *Enunciação em Perspectiva*, liderado pela Professora Marlene Teixeira, em saudosas tardes do belíssimo Campus da Unisinos de São Leopoldo onde então eu

outras Linguísticas e a reverência à Gramática impeliavam-me sempre a ‘pedir permissão’ a elas para que a teoria de Benveniste pudesse se enunciar. Após alguns estudos sobre a relação entre ‘enunciação e referência (dêixis)’ (Flores e Silva, 2000), ‘enunciação e derivação verbal’ (Flores e Silva, 2003/2006) e ‘enunciação, sintaxe e gramática’ (Silva, 2005), alguns ‘desencontros’ se produziram. Depois de ouvir perguntas como: “São necessárias tantas páginas dedicadas à gramática?” ou “Esta tua análise quase prescindiu da teoria”, meu silêncio triunfante cedeu espaço às minhas próprias perguntas. Se a análise prescindiu da teoria, certamente é porque a teoria não se transformava em língua (e linguística). Após certo período, ousei aproximar-me da Teoria de Enunciação por outros vieses: ‘enunciação e gêneros textuais’ (Silva, 2007a), ‘enunciação, intersubjetividade e sala de aula’ (Silva, 2007b) e ‘enunciação, sintagmatização e literatura’ (Silva, 2008; Silva, 2009). O ‘retorno’ que tive sobre o segundo viés me fez retomar o tema da *subjetividade*.

Decido, então, retornar aos estudos de pós-graduação e eis que encontro este enigmático livro: *Os mistérios da trindade*, de Dany-Robert Dufour. Mais do que seu estilo misterioso, encanta-me o método de leitura de Benveniste: parte da relação entre ‘eu’ e ‘estrutura’ e analisa as repercussões que isto produz na língua. Tal método é denominado pelo autor de *ordem trinitária*. Em suas próprias palavras, o ‘ato de nascimento do sujeito’ (p. 91).

Antes de nos encontrar com o texto do autor, creio que é necessário conhecer a influência que outras Linguísticas exercem sobre mim. Eu também preciso enunciar ‘eu’ bem antes de dizer “Segundo Fulano de tal...”. Que o homem é trinitário, constituído como os outros homens e com a cultura, não há a menor dúvida, mas não se pode esquecer que a lógica binária tem se vestido de ‘cultura’ e vem falando em nome dela. Dufour (2000, p. 39) retira do coração do pensamento binário, lógica científica dominante no cenário atual, a adormecida lógica trinitária, no exato ponto em que diz: “A dobra, que exclui a *explicação* e a substitui pela *implicação*, é fundamentalmente o lugar onde se urde um *insaber*.”

Apresentaremos, a seguir, análises esparsas das palavras *explicação* e *implicação* para a compreensão da lógica binária e trinitária, respectivamente. Por quê? Na condição e no desejo de ser professora, e de Linguística, o ato de “explicar” pode ser a enunciação fundadora, fundamental. Será mesmo?

---

lecionava e, também, e fundamentalmente, nas aulas de Teorias da Enunciação do professor Valdir Flores, na UFRGS, em igualmente bela primavera.

## 2 EXPLICAÇÃO E IMPLICAÇÃO EM LINGUISTICA

A relação entre a *explicação* e a *implicação* como racionalidades do pensamento binário e trinitário inquietou-me sobre as prováveis conseqüências para uma escrita possível para a Linguística de Enunciação. O que as une e, ao mesmo tempo, as distingue? Conceber que a Linguística explica os fatos da língua é uma premissa assumida por todas as áreas, por todas as Linguísticas. A Linguística encanta o aluno iniciante exatamente por isso: por demonstrar funcionamentos, por fazer compreender motivações. Tocar no que significa a ‘explicação’ em Linguística pode, por isso, suscitar interesse. Nunca é demais lembrar que a Linguística de Enunciação não é um ‘acréscimo’ à Linguística, é, antes de mais nada, um *ponto de vista* (Flores e Teixeira, 2005, p.109) sobre a língua e, podemos dizer, sobre a própria Linguística.

Milner (1989, p. 41) afirma, com uma pitada de ironia, que os questionamentos sobre conceitos fundamentais da Linguística tornam-se interessantes apenas quando vêm de outros campos de saber. Afinal, perguntar ‘O que é língua?’ para um linguista pode fazer-nos desconfiar da seriedade desta genuína pergunta. Levando ‘a sério’ a ironia de Milner, podemos dizer que não precisamos recorrer a outros campos de saber para duvidar de nosso saber sobre que é a língua, ou do que a Linguística explica. Talvez, precisemos apenas pensar numa pura *diferença* entre uma linguística e outra.

Seguindo essa diferença, nosso objetivo é compreender o maior número possível de usos das palavras *explicar* e *implicar* segundo o Dicionário comum de língua portuguesa e os efeitos de saber que provocam em uma Linguística da Enunciação para constituir uma Linguística de Enunciação. Preliminarmente, podemos dizer que o prefixo ‘ex’ supõe ‘desenvolver uma ideia, fazer com que a ideia inicial se movimente para fora de si’ e para o prefixo ‘in’, ‘envolver uma ideia, fazer com que a ideia inicial se movimente sobre si’.

Desde já, afirmamos que não assumimos a Linguística da Enunciação como *essencialmente* trinitária, binária ou unária. Dufour (2000) também não reivindica um único estatuto para o estudo da obra de Benveniste. Preferimos pensar, tal como afirma o autor: “o trabalho de Benveniste permite ver se perfilar, por trás das díades construídas, uma pressuposição trinitária” (p.115).

Se as três ordens são importantes para estudar a Linguística da Enunciação, que relações elas mantêm entre si? Segundo Dufour (2000, p. 103-4), a ordem trinitária atua sobre a (des)ordem unária, antes que ela ‘engula toda a língua’, criando *duas alteridades* (dupla relação binária, diferencial): ‘eu e tu’ (alteridade transitiva); ‘eu-tu’ e ‘ele’ (alteridade

intransitiva). Com isso, podemos dizer que as lógicas unária e trinitária são ditas *fundamentais* e que a lógica binária é dita *derivada*.

A primeira relação que surge é entre as palavras ‘implicação’ e ordem trinitária; ‘explicação’ e ordem binária. E a ordem unária? Ordem que é desordem, lugar da gagueira e dos lapsos, o unário está recalcado nas palavras *implicação* e *explicação*: é da ordem da ‘plicação’. Ainda usando este critério, podemos dizer que, entre os verbos *explicar* e *implicar*, talvez seria mais natural começar por *explicar*<sup>4</sup>.

Partindo das acepções de *explicar* segundo o *Dicionário Caldas Aulete*, buscaremos descrever aquelas que apresentam o semantismo de ‘agente humano’ como sujeito e como objeto do verbo. Interessa-nos ver como a língua, trindade natural faz falar os “sujeitos” por meio dos locutores. Como se dão as relações entre sujeito gramatical (aqui hipostasiado em ‘eu’) e objeto gramatical (aqui, em ‘tu’)?

Uma palavra sobre a necessidade de tomar ‘sujeito gramatical’ e ‘objeto gramatical’ assimilados a ‘eu’ e ‘tu’. Não teria Benveniste garantido o status de ‘pessoa’ ao ‘tu’? Da mesma forma, seria muito redutor assimilar o ‘eu’ ao ‘sujeito gramatical’? O mais grave disso tudo seria talvez dar à sintaxe um espaço de primazia sobre o sentido e à frase um estatuto de ‘discurso’ – fato negado por Benveniste em “Níveis de Análise Linguística”. Sem pretender negar a diversidade de expressão da frase e dos efeitos do sujeito, nosso objetivo é observar as ‘potencialidades da língua’ – para usar um termo de Normand (2002) - a partir de alguns usos dos verbos *explicar* e *implicar*.

Abaixo segue o verbete *explicar*:

- (ex.pli.car) v.1. Tornar inteligível ou claro (o que é ambíguo ou obscuro); ESCLARECER [ td. : explicar um mistério/uma questão. ] [ tdi. + a, para : "Maria explicou ao homem que o velho era seu tio." ( França Júnior , *Os dois irmãos* ) ]  
2. Interpretar . [ td. : explicar um trecho da Bíblia/um quadro. ]  
3. Dar os motivos dos (próprios atos ou palavras) (a); manifestar (os próprios pensamentos) por meio de palavras; fazer-se compreender; JUSTIFICAR(-SE) [ td. : explicar uma ausência/uma falha. ] [ int. : explicar -se perante a Justiça. ] [ tdi. + a, para : explicar uma falha ao diretor. ]  
4. Manifestar, exprimir (por gestos ou palavras). [ td. : Basta um gesto para se explicar. ]  
5. Expor, desenvolver, explanar. [ td. : Aproveitava todos os momentos para explicar a sua doutrina. ]  
6. Dar a conhecer a origem ou o motivo (de algo difícil de conceber ou cuja razão ignoramos). [ td. : explicar o fenômeno das marés. ]  
7. Justificar. [ td. : Nada explica esse seu comportamento agressivo. ]  
8. Dar lição particular de; lecionar. [ td. : Ela explica bem matemática, mas cobra muito caro. ]  
[F.: Do lat. *explicare*. Hom./Par.: *explicáveis* (fl.), *explicáveis* (pl. de *explicável*).]

---

<sup>4</sup> O dicionário online de Língua Portuguesa *Priberam* apresenta um gráfico interessante: a frequência de pesquisa dos usuários. A palavra *explicar* é menos consultada que a palavra *implicar*. O fato de o falante conhecer mais facilmente a palavra ‘explicar’ mostraria como o pensamento binário vem dominando o cenário cultural contemporâneo?

Destas oito acepções, observamos que há sempre disjunção entre eu e tu (considerando-se objeto indireto com disjunção). Isso significa que o “tu” é sempre indireto (explicar algo a alguém). Quando o tu é colocado em posição de objeto direto, entramos no nonsense, na metáfora, na não-ciência. Assim, “Eu explico João” poderia ser parafraseado por algo do tipo “Eu explico como João é”, o que cai fora do escopo da ciência, passa a ser visto como “uma opinião de eu sobre o João” e não uma explicação, propriamente dita. Vejamos.

#### **A) IDEIA DE ‘CONTAR’**

*Eu expliquei-te o roubo.*

Sujeito (eu): agente humano; objeto direto (o roubo): resultado de ação do sujeito; objeto indireto (-te): agente humano;

Disjunção entre eu e tu. Há duas ações distintas: ‘roubar’ e ‘dizer que roubou’. Disjunção entre *fazer* e *dizer*, com clara precedência temporal do fazer ao dizer.

#### **B) IDEIA DE ‘INTERPRETAR E DE ENSINAR’**

*Eu expliquei minha obra para ti.*

Sujeito (eu): agente humano; Objeto direto (minha obra): ação ou produto(objeto); Objeto indireto (para ti): agente humano.

Disjunção entre eu e tu. Há uma única ação, mas há um distanciamento entre ‘ação passada de eu’ e ‘atual relação eu e tu’.

#### **C) CONTAR A ORIGEM, O MOTIVO, A CAUSA**

*Eu expliquei-te os motivos de minha demissão.*

Sujeito: agente humano; Objeto direto: origem; Objeto indireto: agente humano.

Disjunção entre eu e tu. Há duas ações distintas: ‘ser demitido’ e ‘explicar a demissão’.

Disjunção entre *fazer* e *dizer*, com clara precedência temporal do fazer ao dizer.

## D) IDEIA DE ‘JUSTIFICAR’

*Eu expliquei-te meu atraso.*

Sujeito(eu) : sujeito humano; Objeto direto (meu atraso) : ação. Objeto indireto(te): agente humano.

Disjunção entre eu e tu.

Há duas ações distintas: ‘atrasar-se’ e ‘explicar o atraso’.

Disjunção entre *fazer* e *dizer*, com clara precedência temporal do fazer ao dizer.

O sujeito, diante do outro, tenta conjugar estas duas instâncias em uma única, *apagando* os vestígios da disjunção.

Dada a impossibilidade de escrever *\*Eu expliquei João para minha mãe*, a não ser que ‘João’ seja entendido como ‘atitudes (passadas) de João’, observamos que as linguísticas que tomam o verbo *explicar* como meta e tarefa mais importante não tomam o ‘ser humano’, o ‘agente humano’ como *objeto direto*, como objeto primeiro (e principal) de seu fazer científico. O objeto é sempre um dado passado, um fato, um produto ou objeto, enfim, mesmo um ser (no caso de ‘atitudes de João’) em sua completude e totalidade passada. Paradigma de ciência que se fecha ao devir, ao imprevisto, à língua se fazendo diante de nós e por nós. Numa perspectiva binária, a ‘teoria’ dobra e configura a ‘língua’ (e a linguística), cerceando suas potencialidades.

Abaixo, segue o verbete *implicar*:

Implicar v.

1. Provocar, amolar [ tr. + com : Meu irmão gosta de implicar comigo. ] [ int. : "Ah, isso foi uma brincadeira. Só para implicar mesmo." ( , *O Globo*, 27.07.2005.) ]
2. Ficar contrariado [ int. : O patrão implica quando ela chega atrasada. ]
3. Ter como consequência; ACARRETAR; PROVOCAR [ td. : O despreparo dos jogadores implicou a derrota. ]
4. Envolver (alguém ou si mesmo) em; COMPROMETER [ tdr. + em : Implicou o namorado no assalto. ] [ td. : O suspeito implicou -se ao mentir o tempo todo. ]
5. Fazer parecer; PRESSUPOR [ td. : O estudo implicava um senso crítico excepcional. ]
6. Exigir, requerer [ td. : Dirigir na chuva implica maior atenção do motorista. ] [ antôn.: Antôn.: dispensar, prescindir. ] passado/futuro
7. Antipatizar com; HOSTILIZAR; CISMAR [ tr. + com : Implicou desde o início com o aluno. ]

8. Ser incompatível, não se harmonizar [ int. : São princípios que implicam reciprocamente ] [ tr. + com : O projeto implica com o cronograma.. ]

### ***Implicar***

#### **A) IDEIA DE PROVOCAR E DE HOSTILIZAR**

*Eu impliquei contigo.*

Sujeito: agente humano; Objeto direto: não há; Objeto indireto: agente humano

Disjunção entre eu e tu. Esta disjunção se evidencia ainda mais pela ausência de objeto direto. Implicar opõe eu e tu.

Há uma única ação: o dizer fazendo algo ou o fazer.

#### **B) IDEIA DE TER CONSEQUÊNCIA**

*Minha antipatia implicou a perda de tua amizade.*

Sujeito: ação de agente humano; objeto direto: ação de agente humano

Conjunção entre ação de eu e tu. O sujeito frasal *condensa* ação e agente humano e o objeto direto *condensa* ação e agente humano.

#### **C) IDEIA DE COMPROMETER**

*Eu impliquei-te na preparação da festa.*

Sujeito (eu): agente humano; objeto direto (-te): agente humano; objeto indireto: ação do sujeito.

Conjunção de ação de eu e tu.

#### **D) IDEIA DE EXIGIR**

*Estudar implica dedicar muitas horas de estudo.*

Sujeito: não humano (ação potencial); Objeto direto: não humano (ação potencial).

Conjunção de ação de 'ele' (todos os sujeitos) e de 'ele' (todos os sujeitos).

Das quatro acepções de implicar, uma (1) apresenta como objeto direto um agente humano (acepção 'c'), duas (2) apresentam como objeto direto uma ação de agente humano (acepções 'b' e 'd') e uma (1) não toma objeto direto (acepção 'a'). Observamos que a linguística que podemos denominar implicativa toma como objeto direto a 'ação do homem'. Assim, tais ciências tomam como objeto, ao se debruçar sobre o *ser* e se deparar com a sua 'ausência', um *efeito de ser*. Milner (2001, p. 247), ao concluir a análise do legado

estruturalista, assim define este movimento: “el estructuralismo define un modo de ser nuevo. Le Uno e el Ser quedaban ahora dissociados; ser no es ser idéntico a si.” Esta parece ser a conclusão de Flores (2008, p. 26), quando escreve sobre a análise linguística: “A minha hipótese é que tanto os fatos de língua como a análise que se faz deles decorrem da escuta do lingüista no *après-coup*, o que coloca em relevo a *sintaxe da enunciação* e o *sujeito da enunciação* que nela e por ela tem existência.”

Dada a configuração do saber implicativo, é hora de buscar no texto de Benveniste quais os momentos em que se observa a formação deste saber. Nossa hipótese principal é de que o saber implicativo se marca no estilo de escrita de Benveniste, demarcando um estilo de escrita aos linguistas de Enunciação. A intrigante concepção de Granger (1966, p. 13) sobre as relações entre ciência e escrita nos mobiliza: “o hiato entre percepção e ciência toma essencialmente essa mediação da linguagem. A ciência apreende objetos construindo sistemas de formas em uma linguagem, e não diretamente sobre dados sensíveis.”<sup>5</sup> Como denominar o estilo de escrita da Linguística de Enunciação?

Como pudemos observar na análise dos verbos *explicar* e *implicar*, a diferença gramatical entre esses verbos revela modos de funcionamento distintos, os quais se refletem na escrita e no saber. Ou à maneira de Granger: a escrita é o saber. Se, como diz Benveniste, a intersubjetividade é condição da comunicação linguística, então podemos dizer que conhecer o estilo implicativo é condição de iniciação à linguística de enunciação.

### 3 SOBRE O ESTILO DE ESCRITA DE BENVENISTE

Como a relação entre ‘eu’ e ‘tu’ se *escreve* – ou melhor, *inscreve* - na Linguística? Por que retornarmos tantas vezes (e sempre) aos textos de Benveniste para fazer Linguística? Benveniste não apenas *escreve* textos sobre linguística geral, ‘*explica*’ a linguagem - ele os *inscreve*, implica os linguistas na análise dos fatos de língua.

Este item apresenta os seguintes propósitos: a) verificar como a lógica implicativa pode ser percebida no texto ‘Da subjetividade da linguagem’ (PLG I); b) relacionar o fato de um texto fundador ser indispensável aos linguistas da enunciação a uma característica de escrita ‘artística’. Por que escrita ‘artística’? Em primeiro lugar, impactou-nos a descrição feita por Culioli do texto de Benveniste como ‘obra de arte’ (*apud* Dessons, 2006, p.14, nota

---

<sup>5</sup> Tradução nossa. Lê-se no original: “l’hiatus entre perception et science tient essentiellement à cette médiation du langage. La science appréhende des objets en construisant des systèmes de formes *dans um langage*, e non pas directement sur des données sensibles » (Granger, 1966, p. 13)

3): tal descrição eu já tinha ouvido de uma aluna de graduação em Letras. Em segundo lugar, por que a escrita ‘artística’ ou ‘literária’ supõe duas características: a *singularidade* do texto e a *não-substituição*<sup>6</sup>.

Podemos dizer que, para Benveniste, a Literatura é o espaço em que o sujeito se encontra com a morte (para evitá-la) e a *sua* ‘literatura’ é o espaço do sujeito de encontro com a vida. Dufour (2000), ao retomar o texto de Benveniste “Estrutura das relações de tempo no verbo”, traduz esta ideia de outra maneira: a Escrita (a História, e a Literatura) é o ponto em que o ‘eu’ toca o ELE barrado (ponto de interdição, exterioridade da língua), ao passo que a Oralidade (a ‘língua natural’, a ‘conversação’) é o ponto em que ‘eu’ e ‘tu’ falam d’ ‘ele’. Conclui Dufour (p. 114): “O tempo eternamente presente de Benveniste está referido às relações interlocutórias da oralidade que se estendem entre ‘eu’ e ‘tu’ a propósito de ‘ele’, enquanto a ‘passividade sem presente’ de Blachot é referida à escrita e aos desdobramentos do ‘ele’.” “A ‘oralidade’ é o ponto em que ‘eu’ toca o ‘tu’ e, logo, o ‘ele’: *um homem falando* com *outro* homem. Portanto, o estilo do texto que trata da ‘oralidade’ é o de uma literatura cotidiana.

Donde surgiu esta ‘revelação’, esta ‘associação’ de ideias tão fortemente condensadas? A relação entre *campo de saber* (Linguística de Enunciação), *lógica* (relação trinitária entre ‘eu’, ‘tu’, ‘ele’) e *estilo/escrita* (literatura cotidiana) foi inspirada por Luis Sampaio, lógico e professor de engenharia. Na obra *Lógica da diferença*, busca resgatar a história das lógicas. Ainda que Sampaio advenha de um campo de saber ‘exato’, sua atitude é muito semelhante ao do filósofo da linguagem Dufour: o resgate e a compreensão de outras lógicas sob o domínio da lógica clássica (a que Dufour chama de lógica binária).

O autor classifica em quatro tipos as lógicas da tradição ocidental: a) lógicas primitivas: lógica da Identidade (do Mesmo) e lógica da Diferença (do Outro); b) lógicas derivadas: lógica clássica (do terceiro excluído) e lógica dialética (da síntese entre Mesmo e Outro). A cada uma das lógicas, o autor descreve os princípios, o operador e os valores de verdade, além da demonstração matemática, os filósofos que a ela se filiam e o estilo de escrita (e é apenas este ponto que nos interessa no momento). Sobre a *lógica da diferença*, diz o autor na Apresentação: “Aforismos, porque é o que mais se coadunaria com uma lógica das verdades parciais, da verdade a varejo” (p. 15). Assim, o *aforismo* é um dos estilos para compreender a lógica da diferença. Dentre os autores que escrevem por meio de aforismos cita o filósofo Friedrich Nietzsche (“O que é pensado é seguramente uma ficção”, p. 103) e o

---

<sup>6</sup> Não é objetivo desse texto tratar dos manuscritos de Benveniste sobre Baudelaire e seu consequente estilo de escrita e descrição e sim assinalar que tal característica aparece já nos PLG, a nosso ver.

psicanalista Jacques Lacan (“Não existe verdade total”, p.98). É exatamente um aforismo que encontramos no texto de Benveniste: ‘é ego quem diz ego’, talvez uma das ‘fórmulas’ mais discutidas de Benveniste. Façamos a pergunta: em que consiste o aforismo, esta forma tão próxima da oralidade? Estaria a Linguística da Enunciação atrelada aos estudos da oralidade, como Delas nos sugere?

Não é demais acrescentar o argumento de Ono (2007, p. 31-2), para quem a ‘realização vocal’ (termo de Benveniste, PLG II, p. 82) é o primeiro aspecto da enunciação. Há, no entanto, sinonímia entre ‘oralidade’ e ‘realização vocal’? Vejamos a seguinte frase de Benveniste (PLG II, p.90): “Muitos outros desdobramentos deveriam ser estudados no contexto da enunciação. Ter-se-ia que considerar a fraseologia, que é a marca freqüente senão necessária, da ‘oralidade’. Seria também preciso distinguir a enunciação falada da enunciação escrita.” O uso das aspas na palavra ‘oralidade’ parece indicar que esta não recobre exatamente o significado da *realização vocal* da enunciação (sem aspas). ‘Realização vocal’ está vinculada ao aspecto da ‘subjetividade’ (ver PLG II, p. 82-3); em contrapartida, ‘oralidade’ está vinculado ‘a enunciação falada’ e ‘a enunciação escrita’. Indica, além disso, que ‘oralidade’ não é um termo *facilmente* perceptível na escrita de Benveniste. *Oralidade*, tal como *subjetividade*, aparecem entre aspas: não se estuda A subjetividade, assim como não se estuda A oralidade. Estuda-se a *atividade de oralização* (por analogia à *atividade de subjetivação*). por oposição à *atividade de escrita*. Se o aspecto vocal, o individual, o subjetivo, o intersubjetivo e a referência ao mundo são *aspectos* do complexo objeto ‘enunciação’, podemos dizer que enunciação falada, enunciação escrita são *aspectos* do ‘discurso’<sup>7</sup>. O estudo da ‘oralidade’ se faz vinculando, necessariamente, a relação de complementaridade entre fala e escrita (assim como há uma complementaridade entre *eu* e *tu*).

Se, ao descrever a lógica implicativa, dissemos, entre outras relações, que o ‘eu’ *age* o *tu* (em que ‘tu’ é necessariamente o ‘objeto direto’ da ação de ‘eu’), logo, podemos dizer que a enunciação falada *implica* a enunciação escrita, ou seja, a ‘fala’ *age* a ‘escrita’<sup>8</sup>. Segundo

---

<sup>7</sup> Dessons (2006, p. 58) parece corroborar nossa percepção da existência de uma relação de implicação entre os termos ‘enunciação’ e ‘discurso’: “Dans la linguistique de Benveniste, discours renvoie spécifiquement à la théorie de l’énonciation, dont elle constitue le terme majeur, prolongeant en cela le mouvement de conceptualisation initié par Saussure”. O autor relaciona o termo ‘discurso’ à problemática da ‘língua e da fala’, e ‘enunciação’, à ‘intersubjetividade’, ‘situação’ e ‘índices de pessoa’. Nesse sentido, as noções de ‘fala’ e ‘escrita’ devem ser tomadas como ‘efeito’ da enunciação *no* discurso. Benveniste utiliza o termo ‘enunciação de discurso’ no texto “Estrutura das relações de tempo” (PLG I) para se referir aos ‘tempos da fala’.

<sup>8</sup> Benveniste utiliza o termo ‘enunciação de discurso’ no texto “Estrutura das relações de tempo” (PLG I) para se referir aos ‘tempos da fala’. O autor relaciona tempos da escrita a tempos da fala, os quais formam um sistema complementar. Os tempos da fala são em maior número que os tempos da escrita e há uma diferença entre os

Flores (2008, p. 25, grifos nossos), “O *sujeito da enunciação* advém do ato de tentar afunilar o sentido (...) A eterna tentativa de afunilar o sentido é, em última instância, uma **apropriação imaginária** que se marca no simbólico por operações específicas”. O ‘tu’ é a ficção, a invenção do ‘eu’ assim como a ‘escrita’ é a ‘invenção’ da fala. Esta invenção não se dá sem custo: o preço a pagar é a *sintaxe de enunciação, efeito* que, se captado pelo tu quando se torna eu, inscreve uma *história* entre eu e tu, produz uma ‘escrita’.

Que escrita é está tão próxima da fala? Que literatura (forma reconhecida na cultura) ela produz? Ao procurar, meio a esmo, bibliografia crítica sobre aforismos e formas semelhantes (e nada encontrar) peço a uma amiga<sup>9</sup>, que não sabe deste meu texto e muito de literatura, uma indicação. Eis uma boa surpresa: o livro *Formas Simples* (1930/1976), de Andre Jolles. O autor preocupa-se em descrever, conceituar e observar a evolução histórica de “Formas que, embora provenham da linguagem, não são apreendidas nem pela estilística, nem pela retórica, nem pela poética, nem mesmo pela ‘escrita’ talvez; que não se tornam verdadeiramente obras de arte, embora façam parte da arte” (p. 20).

Lendo este trecho da Introdução, percebo que essas *formas simples* que “se produzem na linguagem e que promanam de um labor da língua, sem intervenção – por assim dizer – de um poeta” (p. 20) tocam as formas ‘originárias’ de *fala-escrita*. *Fala*, pois sua instância são as conversas na família, e *escrita*, pois são repetidas pelos pais, tantas vezes re-enunciadas. É fato universal que pais não apenas contam mas re-contam histórias para os filhos. Histórias de família, com seus atos de bravura e covardia e eventos cômicos que os filhos não querem repetir. Sabemos o poder que esta *fala-escrita* exerce sobre os sujeitos (e suas ‘subjetividades’): constituem, de forma mais ou menos intensa, uma *herança de língua*, uma saga familiar, tesouro *imutável*. Um tesouro de vivências familiares que constituem nossa *experiência* primeira de vida: as histórias que nossos pais nos contam quando somos crianças. As formas simples são a ‘infância da fala’ e as correlatas formas ‘anônimas’ da escrita. Esta *fala-escrita* pode ser chamada de *Fala*. Por que letra maiúscula? Vejamos o que diz Benveniste na parte II do texto “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, o qual reflete o texto ‘Da subjetividade na linguagem’:

“É como efeito na e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. O homem sempre sentiu o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária (...) É porque tantas mitologias, tendo que explicar que na aurora dos tempos, alguma coisa apode nascer do nada, tem colocado como princípio

---

dois: há aoristo no tempo da escrita e não há aoristo no tempo da fala. Ou seja, a escrita apresenta *alguns* dos tempos da fala e *uma* diferença.

<sup>9</sup> Agradeço à professora doutora Juliana Santos por ter possibilitado o acesso ao livro de Jolles.

criador do mundo essa essência imaterial e soberana, **a Fala**.. (...) O nascimento da consciência na criança coincide sempre com a aprendizagem da linguagem, que o introduz pouco a pouco como indivíduo na sociedade »” (Benveniste, PLG I, p. 25-26, grifos nossos)<sup>10</sup>

A ‘fala’ dos pais, as histórias que conta aos filhos, as ficções que lhe transmite sobre a vida e a sociedade (‘sua’ literatura) transformam-se em Fala para os filhos, herança primeira, “princípio criador do mundo, essência imaterial e soberana”, forma de linguagem que os forma e os constitui por toda a vida. Entre ‘Fala’ e ‘fala’, há um espaço vazio. O pai ‘fala’ e busca transmitir a ‘Fala’ ao filho *como* se o filho só possuísse a ‘fala’; o filho, por sua vez, contesta os pais, muitas vezes, quer dizer, o filho mostra que a ‘Fala’ que os pais tentam lhe transmitir apresenta pontos de ‘fala’. Com este processo, o filho vai mostrando aos pais que ele também tem a ‘Fala’ e que os pais, em suas idiossincrasias, suas intolerâncias, ‘falam’ e não apenas ‘Falam’<sup>11</sup>. Para essa contestação, o filho faz uma *análise de linguagem*: o jovem quer mostrar que também habita a Fala<sup>12</sup>.

Não parece este ser o ‘recado’ (inconsciente?) de um adulto Benveniste à sua mãe quando, apesar de ter abandonado, na adolescência, a Escola Judaica, feito o curso de Letras e trocado o *Nome de Família* (ou Nome de Fala?) Ezra para o nome Émile, escreve que a base de sua Teoria da Enunciação ‘parte’ – e o verbo é exatamente este - de *sua* língua (na *Fala*), isto é, da gramática do árabe<sup>13</sup>?

Uma última pergunta: a Fala *é* ou *está na* estrutura trinitária? Dufour (p. 82) nos ajuda a compreender:

---

<sup>10</sup> Tradução nossa. Lê-se no original: “C’est en effect dans et par la langue qu’individu et société se déterminent mutuellement. L’homme a toujours senti le pouvoir fondateur du langage, que instaure une réalité imaginaire (...) C’est pourquoi tant de mythologies, ayant à expliquer qu’à l’aube des temps quelque chose ait pu naître de rien, ont posé comme principe créateur du monde cette essence immatérielle et souveraine, **la Parole**. (...) L’éveil de la conscience chez l’enfant coïncide toujours avec l’apprentissage du langage, que l’introduit peu à peu comme individu dans la société. »

<sup>11</sup> Toda essa reflexão, nos indicara o professor Valdir Flores, ainda em 2010, necessita de grande desenvolvimento. Acreditamos ter avançado nessa direção em Silva (2013) mas somos conscientes que muito temos a avançar.

<sup>12</sup> Segundo Barthes (1956/57), o mito é um ‘sistema semiológico segundo’ (p.122) que converte o par significante/significado da língua (sistema semiológico primeiro) em significante de outro significado. Assim, Barthes o define: ‘estamos no princípio mesmo do mito: transforma a história em natureza’ (p. 132). O mito é, para Barthes, uma ‘metalinguagem’. É curioso observar que o jovem que se dá conta de como a ‘linguagem’ dos pais tenta transformar uma ‘história’ em ‘fato imutável’, imita-lhes a ‘forma’ (o mito) e lhes atribui outros significados.

<sup>13</sup> Segundo Delas (2005, p. 63), o jovem Benveniste, no ano de 1922, contando com 19 anos, inicia o curso de Letras e faz um pedido de naturalização francesa que se efetiva dois anos depois. Milner (2003, p. 82) afirma que a mãe de Benveniste, Marie Malkenson, havia nascido em Vilna (Síria) e apenas o pai, Mathieu Benveniste, era judeu sefardita (oriundo da Península Ibérica, portanto, europeu). Em 1946, Benveniste, com 42 anos, propõe que os pronomes pessoais eu, tu e ele devem ser *desvendados* pela gramática árabe e não pela europeia gramática grega (ver ‘Estrutura das relações de pessoa no verbo’, PLG I, p. 250).

É possível fazer uma distinção entre o ato de fala (cujo motor é unário) e o ato socialmente sancionado (pertence ao regime de causalidade). O ato de fala se origina da Lei geral de fala e o ato socialmente sancionado, de uma jurisdição particular. (...) Jamais a Lei geral será ditada por uma jurisdição particular; a jurisdição particular, que quer apropriar-se da Lei geral, será sempre, afinal, ‘ubuesca’ e marcada pelo grotesco de sua pretensão.

A Fala, entendida como ‘Lei geral de fala’, não se submete aos ritos e mitos ‘jurídicos’, ‘sociais’, ‘ideológicos’, etc; pode subvertê-los, redimensionar o seu valor. Outro trecho da citação de Benveniste pode nos responder. Vejamos a descrição de mitologias: “tendo de explicar que no início dos tempos alguma coisa pôde nascer do *nada*”(PLG I, op. cit., grifo nosso). Para Benveniste, a palavra ‘nada’ refere-se a um dos valores da não-pessoa “uma infinidade de sujeitos ou nenhum” (PLG I, Da natureza dos pronomes.). Dufour (2000, p. 109-10) atribui a este ‘nada’ um valor estruturante: o ‘nada’ é o Ele barrado, a ausência radical. A mitologia – em outras palavras, as histórias de nossos pais, a Fala - marca a passagem do ‘indivíduo’ a ‘homem’ e do Ele barrado à trindade da língua natural (eu-tu-ele). A Fala ‘não é’, isto é, não pode receber ‘predicado’; a Fala não ‘está em’ (não pode ser algo ‘contido’ em outra coisa): a Fala *indica*; é o locutor que *re-ivindica*, predica.

Que formas pode tomar a *Fala*? André Jolles enumera as seguintes: Legenda, Saga, Mito, Adivinha, Caso, Memorável, Ditado (ou Aforismo), Conto e Chiste. A singularidade da constituição do ‘sujeito’ passaria pelas formas como os pais contam Legendas, Sagas, Mitos, Adivinhas...? Os pais contam sagas de que ponto de vista? Os filhos as escutam de que ponto de vista? A enumeração de ‘formas simples’ de Jolles nos esclarece o interesse antropológico de Benveniste por outras ‘formas simples’: ‘a frase nominal’<sup>14</sup> (que é um provérbio ou Ditado); a ‘comunhão fática’<sup>15</sup> (que é próxima da Adivinha), o ‘hain-teny’<sup>16</sup> (próximo à Adivinha), os verbos delocutivos<sup>17</sup>, derivados de locuções (próximo à Legenda<sup>18</sup>). Certamente, Benveniste abre o caminho para se fazer a descrição das formas simples que constituem famílias, culturas, línguas<sup>19</sup>.

Depois desta exposição, não soa estranho que os lingüistas da enunciação retornem tantas vezes ao texto (ou, poderíamos dizer, Texto?) ‘Da subjetividade na linguagem’. Sem

---

<sup>14</sup> Tema principal do artigo ‘A frase nominal’ ( PLGI, seção Funções sintáticas)

<sup>15</sup> Tematizado no artigo ‘O aparelho formal da enunciação’ (PLG II, seção A comunicação, p. 89-90)

<sup>16</sup> Tematizado no artigo ‘O aparelho formal da enunciação’ (PLG II, seção A comunicação, p. 87)

<sup>17</sup> Tema principal do artigo ‘Os verbos delocutivos’ (PLG I, seção O homem na língua)

<sup>18</sup> *Quirites!*, no texto ‘Os verbos delocutivos’ (PLG I, p. 309), é descrito como ‘chamar’ Quirites!, em que Quirites designa o cidadão romano. A Legenda é a história da vida dos Santos, contada do ponto de vista exclusivo de seu heroísmo.

<sup>19</sup>Em 2015, tivemos a grata satisfação de conhecer a obra *Langues, Cultures, Religions*, edição de artigos de Émile Benveniste compilada por Chloé Laplantine e Georges-Jean Pinault, a qual certamente nos ajudará a aprofundar a relação aqui proposta entre famílias, línguas, culturas.

pretender esgotar a questão, tomaremos, por ora, este artigo como empregando o recurso da forma simples Ditado (ou Aforismo). Aforismo, como diz Jolles (p.141), pois traz locuções – formas fixas - que, ao invés de *definir* uma realidade, a *individualizam*, capturando a experiência de uma situação.

#### 4 EM BUSCA DE UMA CERTA LOGICIDADE DE ESCRITA EM ‘DA SUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM’

Tomamos como objeto de análise o texto “Da subjetividade na linguagem” (PLG I), para apreender uma certa logicidade. De certa forma, esse é o mesmo procedimento de Dufour (1997) para tratar da lógica unária: localizando um mesmo axioma de base em Benveniste, Lacan e Lévi-Strauss, o autor desdobra reflexões sobre a recursividade da fórmula ‘ego é quem diz *ego*’ e efeitos dessa logicidade sobre a organização ou desorganização da linguagem. Nosso método é a seleção de aforismos deste artigo que mais encontramos citados em trabalhos de Linguística da Enunciação: podemos encontrar neste texto enunciados em que sujeito e objeto direto remetem ao humano? Selecionaremos todas as frases em que sujeito frasal e objeto direto (ou indireto) sejam preenchidos por ‘agente humano’.

2º parágrafo: ‘É **um** homem falando que encontramos no mundo, **um** homem falando com **outro** homem, e a linguagem ensina a própria definição **do** homem.’

(C’est un homme parlant que nous trouvons dans le monde, un homme parlant à un autre homme, et le langage enseigne la définition même de l’homme.)

6º parágrafo: “É na linguagem e pela linguagem que o **homem** se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’.”

(C’est dans et par le langage que l’homme se constitue comme *sujet*; parce que le langage seul fonde en réalité, dans *sa* réalité qui est celle de l’être, le concept d’ ‘ego’.)

7º parágrafo: A ‘subjetividade’ de que tratamos aqui é a capacidade do **locutor** para se propor como ‘sujeito’.”

(La ‘subjectivité’ dont nous traitons ici est la capacité du locuteur à se poser comme ‘sujet’.)

7º parágrafo: “É “ego” que diz *ego*.”

(Est “ego” qui dit “ego”.)

Suposto saber diz ego (ego = ser que se propõe COMO sujeito)

7º parágrafo: “**Eu** não emprego *eu* a não ser dirigindo-me **a alguém**, que será na minha alocução um *tu*.”

(Je n’emploi *je* qu’em m’adressant à quelqu’un, qui será dans mon allocution un *tu*.)

7º parágrafo: “*Eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*.”

(De ce fait, je pose une autre personne, celle qui, tout extériere qu’elle est à ‘moi’, devient mon écho auquel je dis *tu* et qui me dit *tu*.)

13º parágrafo: “É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como ‘sujeito’”

(C’est dans l’instance de discours ou je designe le locuteur que celui-ci s’énonce comme ‘sujet’.)

A subjetividade – cerne da Linguística da Enunciação – seria explicável, assim, com 7 frases, quase aforismos? A brevidade dessas frases e a sua recursividade não deixam de surtir efeito: precisamos lê-las repetidas vezes para fazer ‘ecoar’ sentidos. Não é a toa que estes mesmos enunciados (ou quase todos) são os que sempre retornam com novos significados nos trabalhos de Linguística da Enunciação. Como parafrasear a definição se esta não se deixa aprisionar em puro conteúdo, sendo, ao mesmo tempo, jogo de formas e de sentidos?

Destas 7 frases, na verdade, apenas algumas apresentam a lógica implicativa (‘eu’ age ‘tu’), quais sejam, ‘é ‘ego’ que diz *ego*’, ‘eu digo tu’, ‘tu me diz eu’. Aqui os ‘objetos’ são sucessivamente: ego, tu, e me. O ‘eu’ toma a si mesmo como objeto - ainda que não queira<sup>20</sup> - antes de propor o ‘tu’ como objeto do dizer.

---

<sup>20</sup> O ‘desconsolo’ do ‘eu’ ao ser tomado como ‘objeto’ são marcados nesta passagem: “Se o seu interlocutor procura convencê-lo daquilo que você acaba de lhe dizer, não se choque, você deveria ter reagido antes; agora é tarde demais: *ele tenta falar em seu lugar*.” (Dufour, p. 74).

As outras frases apresentam *sujeito* como objeto direto e outro elemento a ser verificado, na seguinte ordem: ‘homem se constitui **como** sujeito’; ‘locutor se propõe **como** sujeito’, ‘locutor se enuncia **como** sujeito’. Que estrutura sintática subjaz a esta formulação? O objeto de ‘homem’ e ‘locutor’ é ‘se’. Aqui há dobra, auto-referência. ‘Como’ é uma conjunção, logo, liga duas orações. Neste caso, a segunda oração é elíptica: ‘o locutor se propõe (primeira oração) como... sujeito (segunda oração). ‘Como sendo?’ ‘Como se fosse?’, ‘Como se pudesse ser?’ Esta elipse, figura de linguagem descrita por Benveniste<sup>21</sup>, seria o espaço de linguagem, o necessário espaço na sintaxe de enunciação para que o *tu*, ao se enunciar, ou melhor, se ele se enunciar, dê o estatuto de sujeito ao ‘outro’? O sujeito, então, depende da intersubjetividade (eu-tu).

A relação de lógica elíptica, a passagem de homem a locutor, reflete-se na relação antropológica fala/Fala, assinalada acima. Estaria a Fala vinculada à Cultura (tal como Benveniste enuncia na seção Léxico e Cultura) e a fala vinculada à língua? Nesse caso, ‘homem’ não designa, em Benveniste um conceito biológico, mas, desde sempre, um conceito cultural<sup>22</sup>.

Além de uma elipse, reconhecemos no texto de Benveniste, o uso de outra figura de linguagem: o eco. Vejamos: “*Eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*.” A ressonância tu... tu... (ou outra como eu... eu..., meu... meu..., etc.) aponta para a construção da co-referência do discurso ao ‘mundo’, mundo da linguagem.

Desta axiomatização, podemos dizer que a ‘palavra’ contida na ‘rima’ entre eu e tu é o que menos interessa, interessa o sentido dessa ‘troca’: busca de emparelhamento (ou ‘empate’) (eu...eu), busca de sobreposição e supremacia (eu... eu-eu), subjugação (eu-eu... eu), subterfúgio ou escape do compromisso (tu... ele-eu)<sup>23</sup>.

Retomando a primeira pergunta norteadora deste item, qual seja, se há apenas a lógica implicativa no texto de Benveniste, percebemos que a Linguística da Enunciação coincide

---

<sup>21</sup> Citamos textualmente: “O ‘inconsciente’ emprega uma verdadeira ‘retórica’ que, como o estilo, tem suas ‘figuras. (...) Encontram-se aí todos os processos de substituição engendrados pelo tabu: o eufemismo, a alusão, a antífrase, a preterição, a litotes (...) se a ‘sintaxe’ dos encadeamentos simbólicos evoca um processo de estilo entre outros, trata-se da elipse.” (PLGI, p. 94). A conversão do locutor em sujeito suporia então um conteúdo de linguagem elíptico, isto é, implícito? Estaria Benveniste demonstrando que este conteúdo implícito seria de interesse da Linguística tanto quanto o é da Psicologia? Em ‘Da subjetividade da linguagem’, o autor conclui o texto da seguinte forma, no qual encontramos nossa resposta como se fosse um ‘eco’, isto é, como se pudéssemos captar apenas uma parte do *outro*: “Muitas noções na **linguística**, e talvez mesmo na **psicologia**, aparecerão sob uma luz diferente **se as restabelecemos no quadro do discurso.**” (p. 293, grifos nossos).

<sup>22</sup> Para um maior aprofundamento dessa questão, sugerimos a leitura de S. Silva (2013, Terceira Parte).

<sup>23</sup> As notações entre parênteses constituem uma tentativa de colocar em *forma lógica* as possíveis relações entre ‘eu’ e ‘tu’. Há ainda outras ‘formas’ ou ‘aspectos’ em que a ‘base rivalitária eu-tu’ pode se configurar.

*parcialmente* com uma lógica implicativa. Elas estão relacionadas à relação *ego-ego*, *eu-tu*, *tu-eu*. As frases que não coincidem com esta estruturação são as que tratam da passagem de locutor a sujeito. Podemos chamar tais estruturas de lógica elíptica. Ou seja, a relação eu-tu transforma o ‘homem’ em ‘objeto’ do dizer; a relação locutor-sujeito supõe um ‘vazio’, um intervalo a ser preenchido pela singularidade da instância de discurso, isto é, o ‘vazio’ do *eu-tu-aqui- agora*. O homem, o locutor, sempre tem a chance de ser sujeito outra vez e de outra forma (ou de não ser sujeito nenhum).

Com referência ao segundo objetivo deste item, podemos reafirmar que a escrita de Benveniste toca a escrita artística. Para estudar a Enunciação, este saber que parece tão trivial e tão vivo, que nos escapa tão facilmente, é preciso então produzir e prestar atenção aos mais engenhosos jogos de palavras. Jogos que nos fazem rir e repensar. Jogos que são ‘formas simples’, formas que ‘não são A Literatura, mas são literárias’, parafraseando Jolles (1976). A escrita que a Linguística da Enunciação demanda toca a literatura cotidiana, devendo representar e apresentar uma forma que se dobra sobre si mesma. Como se constitui o ‘discurso’, a ‘escrita’ do texto ‘Da subjetividade na linguagem’? Em que forma ou formas simples ele se atualiza? Impossível responder esta pergunta sem deslizar para as teias da binariedade. Cabe apenas dizer que a interpretação deste texto sob uma (1) forma simples (seja mito, adivinha, chiste ou outra) é o *efeito* do objetivo de pesquisa do linguista. Podemos dizer que todas as formas simples constituem o ‘universo’, o ‘campo’ cultural *no e pelo* qual o locutor enuncia<sup>24</sup>.

A subjetividade, propriedade fundamental da linguagem, é a trilha de vestígios do homem na cadeia da linguagem. Ao enunciar, o homem encontra o homem: encontra a si mesmo no outro. A enunciação inscreve este encontro entre ‘fala’ e ‘escrita’; entre língua e linguística. *Quem conta um conto aumenta um ponto...*[forma simples, Aforismo]. *Para ser um (sujeito), é preciso ser dois, mas quando se é dois, já se é três...* [axioma da Enunciação, versão de Dufour].

Para concluir, retomemos brevemente alguns ‘aspectos’ da escrita de Benveniste:

- 1) lógica implicativa – espaço para a influência (‘Eu’ sobre ‘tu’);
- 2) lógica elíptica – espaço para o não saber (‘eu’ sobre ‘eu’) e para o ser de novo, para a re-significação (‘eu’; ‘e-u’...);

---

<sup>24</sup> Em geral, Benveniste não faz muitas citações. O professor Valdir Flores relata, em certa aula da disciplina de Teorias da Enunciação, seu espanto com a longa citação que Benveniste traz de obra do antropólogo Malinovsky no texto *O aparelho formal da enunciação* (PLG II). Se tomarmos a escrita de Benveniste como uma ‘forma literária simples’, literatura que toca a oralidade, vemos que esta citação não apresenta função de ‘coesão científica’ (tal como numa ciência binária): isto é, a de corroborar e argumentar fatos a partir de um ponto de vista prévio. Benveniste literalmente ‘passa a palavra’ a Malinovsky.

- 3) eco – espaço para o laço social (eu-tu, porque ‘eu....’ ‘eu...’) e para a rivalidade (eu/tu, porque ‘eu....’ ‘Eu....’);
- 4) presença de formas literárias simples – forma global do ‘discurso’ do texto ‘Da subjetividade na linguagem’

Uma linguística da Enunciação que pretenda fazer uma *leitura trinitária* da teoria de Benveniste (Kuhn, 2009) deve assumir uma escrita que implique o outro, que deixe espaço para o questionamento e que, na sua *globalidade discursiva* (Dessons, 2006), ‘negocie sentidos’ com o discurso científico binário. Uma escrita que *inscreva* o pesquisador e o pesquisado. Uma linguística em que a ‘língua’ obriga a ‘teoria’ a se desdobrar em inúmeras formas lógicas, dentre as quais a conjunção e disjunção (assinaladas por Dufour) são apenas as mais aparentes. Se uma linguística unária *implica* e uma linguística binária *explica*, uma linguística trinitária – vocação da Linguística da Enunciação, a nosso ver – explica a língua tão somente implicando os interlocutores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BADIR, Semir; POLIS, Stéphane, PROVENZANO, François. Benveniste serait-il aujourd’hui un linguiste de l’énonciation? IN: Dufaye, Lionel et Lucie Gournay. Les théories de l’énonciation: Benveniste après un demi-siècle. *Arts et Savoirs*, n. 2, Disponible sur: <http://lisaa.u-pem.fr/arts-et-savoirs/arts-et-savoirs-n-2/> Acesso em 25/08/2015.
2. BARTHES, Roland. El mito, hoy. IN: \_\_\_\_\_. Mitologías. México: Siglo XXI editores, 1999, p. 118-150.
3. BENVENISTE, Emile. Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes
4. \_\_\_\_\_. A frase nominal. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, p. 163-182, 1988.
5. \_\_\_\_\_. Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, p. 81-96, 1988.
6. \_\_\_\_\_. Da subjetividade na linguagem. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, p. 284 – 293, 1988.
7. \_\_\_\_\_. Estrutura das relações de pessoa no verbo. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, p. 247 –259, 1988.
8. \_\_\_\_\_. Os verbos delocutivos. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, p. 306-315, 1988.
9. BENVENISTE, Emile. O aparelho formal da enunciação. IN: \_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, p. 81-90, 1990.
10. BENVENISTE, Emile. Coup d’oeil sur le développement de la linguistique. IN: \_\_\_\_\_. *Problèmes de linguistique générale II*. Paris: Gallimard, 2000, p. 18-31.
11. \_\_\_\_\_. De la subjectivité dans le langage. IN: \_\_\_\_\_. *Problèmes de linguistique générale II*. Paris: Gallimard, 2000, p. 258-266.

12. BENVENISTE, Émile. *Langues, cultures, religions*. Choix d'articles par Chloé Laplantine et Georges-Jean Pinault. Limoges : Lambert-Lucas, 2015.
13. DELAS, Daniel. Saussure, Benveniste et la littérature. *Langages*, 159, sept. 2005, p.56-73.
14. DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste: l' invention du discours*. Editions In Press, 2006.
15. DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. Disponível em: <http://www.aulete.uol.com.br>. Acesso em: 10/10/2009.
16. DUFOUR, Dany-Robert. *Le bégaiement des maîtres*. Arcanes Rech. Psychanalytique. 1997.
17. \_\_\_\_\_. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
18. FLORES, Valdir. TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.
19. FLORES, Valdir; SILVA, Silvana ; LICHTENBERG, Sonia; BRESSAN, Thais. *Enunciação e gramática*. São Paulo : Contexto, 2009.
20. GRANGER, Gilles-Gaston. *Pensée formelle et sciences humaines*. Aubier, 1966.
21. JOLLES, Andre. *Formas simples*. São Paulo: Cultrix, 1976.
22. KUHN, Tanara Zingano. Princípios de análise enunciativa de fatos de língua. Porto Alegre, 2009. Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso) – Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
23. MILNER, Jean-Claude. MILNER, Jean-Claude. La linguistique et la science. IN:\_\_\_\_. *Introduction à une science du langage*. Paris: Seuil, 1989, p. 23-52.
24. \_\_\_\_\_. *El periplo estructural*. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu, 2003.
25. NORMAND, Claudine. Sens et sentiment linguistique ou la contagion de la négation. IN:\_\_\_\_. *Petite Grammaire du Quotidien : paradoxe de la langue ordinaire*. Editions de Pli, 2002.
26. ONO, Aya. *La notion d' énonciation chez Émile Benveniste*. Paris: Lambert Lucas-Limoges, 2007.
27. SAMPAIO, Luis Sérgio. *A lógica da diferença*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
28. SILVA, Silvana. *Enunciação e sintaxe: uma abordagem das preposições do português*. Porto Alegre, 2005. Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso) - Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
29. \_\_\_\_\_. A personalidade do discurso de divulgação científica infanto-juvenil. *Anais do Siget*. 2007a.
30. \_\_\_\_\_. É possível o diálogo entre professor e aluno? *Revista Entrelinhas*. Ano IV, nº 2, jul-dez 2007b. Disponível em: <http://www.entrelinhas.unisinos.br/>
31. \_\_\_\_\_. Sintaxe, enunciação, sintagmatização: uma proposta de representação. *Anais do Celsul*. 2008.
32. \_\_\_\_\_. A sintagmatização em Linguística da Enunciação: uma proposta de representação. *Anais do VI Celsul*. 2008.
33. \_\_\_\_\_. *O homem na língua: uma visão antropológica da enunciação para o ensino de escrita*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese (Doutoramento em Estudos da Linguagem). 2013.

**ABSTRACT:** This article presents some considerations on linguistic writing as well as some characteristics for Emile Benveniste's enunciation linguistics writing. It takes Dufour (2000) assumption, whom enunciation linguistics lays over a trinitary logic. It is analysed verb explicar and consequences to Linguistics and verb implicar to Enonciation Linguistics. It is observed presence of trinitary logical forms and writing style of Benveniste's 'Da subjetividade na linguagem'.

**KEYWORDS:** Enonciation linguistics; Émile Benveniste's writing style; commom forms of speaking